



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Curso de Especialização em Educação Infantil
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
e-mail : especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

Rosani Romanovicz

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA SALA DO MATERNAL I-A POR MEIO DA CASA DE BRINCAR

Florianópolis
2012

Rosani Romanovicz

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA SALA DO MATERNAL I-A POR MEIO DA
CASA DE BRINCAR**

Artigo submetido ao Curso de Especialização em
Educação Infantil para a obtenção do Grau de
Especialista em Educação Infantil.
Orientadora: Profa. Dra. Rosânia Campos

Florianópolis
2012

Rosani Romanovicz

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA SALA DO MATERNAL I-A POR MEIO DA
CASA DE BRINCAR**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, de de 2012.

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Coordenadora Geral do CEEI

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosânia Campos
Orientadora

Prof.
Primeiro membro

Prof. ..
Segundo membro

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA SALA DO MATERNAL I-A POR MEIO DA CASA DE BRINCAR

Rosani Romanovicz¹

Rosânia Campos²

RESUMO: Este artigo trata dos resultados de um trabalho realizado em sala de aula no ano de 2011 com crianças de dois a três anos. O objetivo foi repensar a organização do espaço da sala do maternal. O tema é relevante na medida em que se busca valorizar a participação da criança na criação dos espaços com foco na sua aprendizagem e socialização. Vale salientar que a educação deve ocorrer de forma lúdica, onde a criança participe efetivamente de seu aprendizado; através de jogos e brincadeiras os professores ensinam seus alunos regras básicas de convivência, as crianças aprendem a construir seus conhecimentos através das experiências vivenciadas. É através da ludicidade que a criança vai demonstrar seus conhecimentos, expressar sentimentos, externar conceitos prévios e as ideias que possui, oportunizando a criança um momento de troca de informações com seus colegas e professores. A criação de uma casinha de brincar favoreceu a participação efetiva das crianças no processo de construção de seus conhecimentos, foi um momento de aprendizagens ricas, onde puderam internalizar diversos conceitos, que agora podem não fazer sentido da forma como está sendo aplicada, mas daqui a alguns anos a criança saberá como utilizá-los para sua vida em sociedade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Aprendizagem. Espaços. Brincar.

ABSTRACT: This article discusses the results of a study conducted in the classroom in 2011 with children aged two to three years. The goal was to rethink the organization of the maternal space of the room. The theme is relevant in that it seeks to value the child's participation in the creation of spaces with a focus on their learning and socialization. It is worth noting that education should occur during play, where children participate effectively in their learning through play and games teachers teach their students basic rules of coexistence; children learn to build their knowledge through the experiences. It is through the playfulness that children will demonstrate their knowledge, express feelings, express ideas and preconceptions you have, allowing the child a moment to exchange information with peers and teachers. Creating a play house favored the effective participation of children in the process of building their knowledge, was a rich time of learning, where they could internalize various concepts, which now may not make sense of how this is applied, but in a few years the child will know how to use them for their life in society.

Keywords: Early Childhood Education. Learning. Spaces. Play.

1 INTRODUÇÃO

Muitas foram as transformações ocorridas na humanidade, vários conceitos foram modificados, a criança que anteriormente era vista como um adulto em miniatura, hoje ela é entendida como um ser social, cultural e histórico. A formação docente, bem como seu constante aperfeiçoamento contribuem para a melhora da qualidade na educação. Na educação infantil, as crianças tem a oportunidade de aprender de forma lúdica e significativa, e quanto mais lúdica for a atividade mais prazerosa será a aprendizagem.

¹ Acadêmica Rosani Romanovicz. Professora de Educação Infantil.

² Orientadora do artigo. Professora Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – mestrado da Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE.

A proposta deste trabalho teve como principal objetivo repensar a organização do espaço da sala do Maternal I-A. Para isso, fez-se necessário uma revisão bibliográfica de renomados autores na área, bem como a realização de um projeto de intervenção, onde foi possível a constatação de todos os temas estudados nas referências consultadas.

O referido trabalho teve como primeiro tópico a criança como ser social, cultural e histórico, após foi abordado o desenvolvimento e a aprendizagem na educação infantil, a importância do brincar, sendo finalizado através de um breve relatório sobre a realização da intervenção do projeto casa de brincar.

2 CRIANÇA: UM SER SOCIAL, CULTURAL E HISTÓRICO

Atualmente, observamos um movimento crescente de valorização da infância e do reconhecimento do direito das crianças, onde podemos apontar suas características, suas necessidades e seus interesses, sendo assim, diferenciadas do adulto. Entretanto, essa visão de infância é fruto de um longo caminho histórico, segundo estudos Ariés (1981); Kuhlmann Jr. (1998) até início da idade moderna as crianças eram tratadas da mesma forma que os adultos existindo pouca diferenciação entre o mundo adulto e o mundo da criança. Segundo Gouvea (2002, p.13) “no Brasil, as múltiplas vivências da infância e seu processo de aprendizagem para a vida adulta deram-se historicamente a partir de seu pertencimento sociorracial e de gênero”. Nesse sentido, o aprendizado das crianças era voltado para a sobrevivência, a criança aprendia de acordo com o grupo social ao qual estava inserida; tomemos como exemplo os escravos, eles iniciavam na lavoura aos seis anos, retirando de lá seu aprendizado para a vida. Já os meninos brancos eram educados em colégios e lá aprendiam a instruir-se intelectualmente, bem como a exercer posição de comando sobre os demais, enquanto isso, as meninas deveriam aprender sobre todos os afazeres domésticos ou ditos femininos. Estas distinções realizadas a partir de etnia, classe social e gênero não correspondiam, no entanto, com distinções entre as crianças e os adultos em termos de constituição psíquica, cognitiva e/ou afetiva. Como já apontado anteriormente, estas distinções derivaram de um longo processo e culminaram, entre outras transformações, no início da escola moderna com a instituição da escola e a ideia de que as crianças ocupam um lugar diferente do adulto na sociedade. Tornou-se necessário a construção dos saberes da infância, ou seja, conhecer as características interiores das crianças surgindo a psicologia infantil, que procurou sistematizar os estudos referentes às características das crianças, bem como de definições sobre a infância, de modo que estes poderiam nortear as ações de um adulto, dito de outro modo,

A visão de que a criança deveria ocupar espaços diferenciados e destacados da sociedade adulta determinou a construção de saberes sobre a infância, de conhecimentos que definissem as características supostamente intrínsecas à criança que dirigissem as práticas de socialização (GOUVEA, 2002, p.14).

Esses saberes sobre infância, no decorrer do século XX, irão se firmar através de diversos autores entre eles: Wallon, Piaget, Freud e Vygotsky, que terão a criança como chave principal para realizar a compreensão dos adultos. Houve também a publicação de diversos livros de psicologia do desenvolvimento, onde as crianças eram separadas por etapas, através de determinadas características apresentadas pelas mesmas, facilitando a atuação do adulto, tanto na família como na escola.

Essa diferenciação da faixa etária promoveu a construção de currículos, estratégias de aprendizado e a seriação dos alunos. A escolha dos conteúdos era feita de acordo com cada faixa etária, bem como o nível de aprofundamento e a forma de avaliações a ser empregada, categorizando as crianças de forma universal. Entretanto, cada criança está inserida em uma cultura diferente, que lhe dá sentido; por esse motivo, vivenciar a infância de forma diversificada, isso nos demonstra que universalizar a infância ignorando a diversidade cultural pode ser perigoso. De acordo com Gouvea (2002, p. 17)

Ao realçar determinados traços do comportamento infantil, nas interações sociais cotidianas, os adultos norteiam a formação do sujeito infantil. A criança não inventa o mundo, mas o apropria, internalizando valores, normas e ações referentes ao universo social em que se insere. Assim, o processo de desenvolvimento individual significa a introjeção da realidade, realidade esta social e historicamente construída. A cultura será a lente que nos permitirá ter acesso, compreender e agir sobre o mundo.

Desse modo, as crianças concebidas como seres sociais, culturais e históricos é recente na nossa história, bem como a compreensão da importância em considerar as questões culturais como constituidora da infância.

3 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A falarmos de maturação estamos nos referindo às mudanças que acontecem durante a evolução dos seres humanos que estão fundamentados na variação da estrutura e funcionamento das células, ou seja, a maturação está ligada ao crescimento.

Já o desenvolvimento está ligado a formação das funções humanas que compreendem a linguagem, o raciocínio, a memória, a atenção, é um processo interminável onde se desenvolvem todas as potencialidades do indivíduo, ou seja, desenvolvimento é um processo

que envolve a interação entre a predisposição biológica (natureza) e o contexto (cultura) no qual a pessoa está inserida.

Aprendizado segue a trilha do desenvolvimento e que o desenvolvimento sempre se adianta ao aprendizado, ela exclui a noção de que o aprendizado pode ter um papel no curso do desenvolvimento ou maturação daquelas funções ativadas durante o próprio processo de aprendizado. O desenvolvimento ou a maturação são vistos como uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele. Para resumir essa posição: o aprendizado forma uma superestrutura sobre o desenvolvimento, deixando este último essencialmente inalterado (FONTES, 1998, p.104).

A aprendizagem compreende o processo pelo qual o ser humano se apropria do conhecimento produzido pela sociedade, em qualquer ambiente a aprendizagem é um processo ativo que conduz a transformação do homem. O desenvolvimento e a aprendizagem da criança ocorrem em uma rede de relações sociais, ou seja, a criança está em constante contato com outras pessoas, sejam elas da mesma idade ou não. Assim, a aquisição da linguagem, a aprendizagem de determinados hábitos e costumes estão efetivamente ligados a essas relações sociais que mantém.

Com a criação de espaços educativos para as crianças pequenas, bem como a incorporação da educação infantil à educação básica, muitas foram e continuam sendo as dúvidas referentes aos processos educativos desenvolvidos nos centros de educação infantil. O que já é definido pela área é que na Educação Infantil são trabalhados dois eixos que tem por finalidade, o cuidar e o educar, e os profissionais que lidam direta ou indiretamente com as crianças devem estar intelectual e psicologicamente preparados, para melhor auxiliar as crianças em seu aprendizado, oportunizando aos mesmos o pleno desenvolvimento.

Na nossa organização educativa as turmas na educação infantil são separadas pela idade, mesmo não havendo um padrão universal para ser seguido, as crianças com a mesma faixa etária normalmente apresentam certas características que se assemelham o que justifica historicamente este tipo de agrupamento. No entanto, mesmo agrupando as crianças por faixa etária, atualmente, se reforça muito as discussões relativas aos processos singulares de aprendizagem, isto é, o cuidado e atenção que o professor/a deve ter em relação ao como cada criança se apropria das informações, das experiências e vivências oportunizadas; esta observação é importante, em especial, para evitar possíveis classificações: criança lenta, criança atrasada, criança com problemas, entre outras classificações.

Segundo Carvalho (2002) Guimarães (2002), a oferta de estímulos variados facilita e amplia as oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem da criança, pois a mesma interage com o meio e com as demais crianças e adultos que o cercam, tornando sua aprendizagem significativa. Em qualquer faixa etária a criança deve ter oportunidades para

experimental o mundo, assim em um ambiente institucional faz-se necessário, além das mediações, a criação de vínculos ente a criança e o professor, essa troca de afeto irá fazer com que a criança sinta confiança na pessoa que está com ela. Com esse clima de confiança e afeto a criança poderá se desenvolver melhor e adquirir aprendizagens diversas.

Estas reflexões foram fundamentais no planejamento e no desenvolvimento da atividade que será apresentada, nos orientando de modo especial em relação ao como organizá-la, o que observar e o que as crianças indicavam. Todo o processo teve como eixo articular o brincar das crianças, ação entendida como estruturante de todo seu processo de aprendizagem.

4 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

O brincar tem um papel fundamental para a aprendizagem da criança, a internalização de regras, movimentos e comportamentos estão presentes no ato de brincar, assim como, determinados valores, conceitos, preconceitos e ainda significados. As crianças aprendem muito enquanto brincam, os professores precisam estar atentos e envolvidos nesse brincar, compartilhando desse momento com a criança, criando laços afetivos com as mesmas para possibilitar um aprendizado duradouro e eficaz. De modo similar brinquedo não é um elemento neutro, pelo contrário,

Os brinquedos são o mundo de uma criança. Eles são prolongamentos dos sonhos de uma criança. Os pais podem prestar atenção à escolha de brinquedos que o filho faz e observar de perto como ele brinca com eles. Se os pais puderem ajudar a escolher um brinquedo como uma forma de aprender sobre a criança e quem ela está se tornando, o processo pode tornar-se uma comunicação (BRAZELTON; SPARROW, 2003, p. 238).

Durante as brincadeiras, as crianças se apropriam de inúmeros conhecimentos e vivenciam relações sociais, onde encontramos diversos significados e valores. Os docentes necessitam ter o conhecimento de que as crianças possuem diversas habilidades e que durante o ato de brincar ela vai construindo a sua história, obtendo muitos conhecimentos. Ao observarmos as crianças brincando ou mesmo brincando com elas, notamos o quanto elas nos tem a ensinar, ou seja, se a criança necessita do adulto, o adulto também necessita da criança. Conforme Fontes (2002, p.130)

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e, ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte,

renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo.

Nesse sentido, é importante salientar o tempo e o espaço que são dedicados às brincadeiras, se os professores valorizam o brincar e o entendem como forma da criança adquirir conhecimento. O professor precisa estar ciente de que ao brincar a criança constrói determinados significados e, através deles, está conseguindo realizar a compreensão do mundo que a cerca, bem como de se compreender como parte desse mundo.

A afetividade também é algo extremamente importante no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Ela motiva a criança a buscar o conhecimento. Quando a criança sente que está envolta em afeto e compreensão ela tem menos receio de se entregar a construção de seu conhecimento, uma vez que ela se sente capaz de conseguir alcançar seu aprendizado. Se a afetividade é importante, como já mencionado, a brincadeira faz parte do desenvolvimento da criança, é algo inerente a sua evolução como ser social e histórico. É através das brincadeiras, como já destacado, que a criança internaliza conceitos extremamente importantes para sua convivência em sociedade. O cenário atual nos mostra crianças totalmente diferentes das do século passado, as crianças de hoje, por frequentarem escolas especializadas, recebem muito mais estímulos do que as crianças que ficavam em casa com seus pais e irmãos.

Diante de estudos contemporâneos que trazem uma abordagem de aprendizagem e desenvolvimento como parte de um processo histórico, onde a cultura e as relações do sujeito com o mundo que o cercam passam a ser considerados, a brincadeira passa a ser compreendida como uma atividade humana aprendida e não uma “aptidão natural” da criança. Além dos aspectos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, os estudos indicam também que nossas relações são sempre mediadas, e no caso das crianças, um modo de mediação privilegiada é a brincadeira.

É por meio do brincar que a criança se apropria do mundo, de suas regras, de seus saberes, que cria sua imaginação, interpretações sobre o real. Deste modo, a leitura que faz ao vivenciar diferentes papéis no faz de conta, lhe trará novos significados sobre o que ainda está construindo em seu pensamento, isto é,

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (Vygotsky, 1987, p.35).

Ao considerar estes aspectos da brincadeira, entendemos que a mesma não pode ser somente controlada pelo educador, nem tão pouco deixada à própria sorte das crianças. Pelo

contrário, é importante tanto incentivar as crianças a criarem, brincarem, quanto ofertar novos elementos para enriquecer a brincadeira. Em consequência é fundamental criar um ambiente favorável, tempo, espaço e envolvimento daqueles que são responsáveis pela educação das crianças. Nas palavras de Brougère (2008, p.66)

A imitação lúdica do real, longe de ser somente um desfalque desse real, passa, também, pelo estimulante, que é o brinquedo. Por exemplo, as brincadeiras de maternagem diversificam-se conforme os acessórios propostos. O próprio aspecto do objeto pode orientar a estimulação para determinada direção.

Ao partir deste pressuposto compreendemos que o modo como os espaços dos centros de educação infantil são pensados, organizados é ferramenta importante na ampliação do repertório das crianças, bem como em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Dessa forma, a educação deve ser proporcionada de forma lúdica, onde a criança possa dispor de diversos materiais e situações desafiadoras. O jogo e a brincadeira por si só não levam a lugar nenhum, deve-se ter a intenção constante de promover a aprendizagem através de situações prazerosas, que instiguem a criança a internalizar e a construir seus conhecimentos, ou seja,

Muitas vezes, a brincadeira se constitui, ao menos inicialmente, numa disposição, numa colocação. Brincar é organizar, estruturar, é dispor, antes de fazer evoluir os veículos, mais do que os bonequinhos. O espaço preparado é examinado, tornado próprio para a manipulação dos diferentes acessórios (BROUGÈRE, 2004, p.58).

Criar um espaço que privilegie o brinquedo e a brincadeira de experimentação da criança desenvolvendo diferentes papéis com diferentes comportamentos de brincar, de assumir papéis, de usar a linguagem, de imitar, de enfrentar desafios, de estar motivada para participar, de interagir oportunizando uma pedagogia da infância na creche.

Por isso, é de extrema importância a presença de profissionais voltados a mediar a aprendizagem de uma maneira mais acessível, com a disponibilização de diversos meios de estimulação, através da utilização de diversificados materiais ricos em estímulos. Essa diversidade de formas de estímulo fará com que a criança se aproprie de forma lúdica, sem o uso de materiais prontos que podam a criatividade infantil, a criança necessita explorar o mundo que o cerca, para que possa construir seu próprio conhecimento.

5 REALIZANDO A INTERVENÇÃO DO PROJETO CASA DE BRINCAR

O projeto de intervenção pedagógica “Casa de Brincar” teve início após trabalho desenvolvido com o artista plástico Joinvilense Ademar César, onde encontramos a necessidade de reorganizarmos o espaço da sala junto com as crianças. No momento em que

escolhíamos as obras para montar a história “Uma Casinha Bem Fechada”, pensando em uma forma lúdica para as crianças conhecerem as imagens das obras de artes, montamos cenas sequenciadas com a cantiga “Uma Casinha bem Fechada” e as obras viraram ilustração para a cantiga/história, e a partir daí focamos para criação deste espaço na sala. A opção por esta brincadeira especificamente deriva da nossa compreensão de que o brincar de casinha cria uma conexão entre o real e o imaginário, onde as crianças assumem infindáveis papéis e experimentam diversas possibilidades de descobertas.

Observando a prática docente e o interesse das crianças constatei que as crianças apropriavam-se de informações do mundo adulto produzindo cenas que elas criavam coletivamente envolvendo-se nas atividades propostas. O projeto de intervenção “Casa de Brincar”, proporcionou a ação nas brincadeiras partindo do conhecimento prático, concreto e cotidiano para ser sistematizado através de conceitos científicos.

A organização de planejamento, tempo e espaço foi primordial para que as crianças participassem trazendo suas experiências de vida, suas possibilidades de ação, suas ideias e imaginação. O modo de brincar foi a forma específica da criança pequena narrar suas necessidades, suas concepções e de ampliar sua apropriação de mundo. Além de que, ao brincar, a criança utiliza diferentes formas de expressão: faz gestos, fala, desenha, constrói, imita, brinca com sons, canta enriquecendo muito as relações entre pares e com o adulto.

Como a sala de atendimento oferecia poucos recursos para incrementar a brincadeira de casinha, o primeiro passo foi pedir aos pais e responsáveis a doação de brinquedos e demais materiais que pudessem compor nossa casa de brincar. Esta campanha foi extraordinária pois fortaleceu os laços entre as famílias e o Centro de Educação resultando em um prazer, por parte das famílias, em poder contribuir com a “construção” deste espaço.

Em paralelo com este processo, íamos discutindo³ nossas ações pedagógicas e o objetivo que envolvia o projeto. Assim, as observações, os registros foram incrementados gerando materiais para analisar o encaminhamento do trabalho, as ações e os resultados esperados. Ainda que nosso foco nunca foi de atingir determinado resultado, pelo contrário nos concentramos no próprio processo, era importante avaliar o andamento dos trabalhos.

Com o foco no processo de construção da casinha, fomos juntando os materiais: loucinhas, um pequeno sofá, algumas bonecas, um ótimo começo... Lendo a história “Chapeuzinho Vermelho” formou-se a ideia de termos uma cama de brincar, a princípio foi colocado um colchonete e novamente tivemos a participação de familiares que doaram um

³ Este trabalho foi desenvolvido conjuntamente com as auxiliares de sala Franciane Keller e Priscila Kellermam.

lençol com fronha e um travesseiro. No entanto, o colchonete não dava a “vivência”, não correspondia à necessidade de ter a “cama da vovó”, então conseguimos uma cama de solteiro e um pai se prontificou a transformá-la em uma pequena cama.

A inclusão da cama oportunizou novas experiências, novas explorações e reproduções da história e do cotidiano adulto. A Evelyn (30 meses) tinha todo cuidado com as bonecas, ninando e colocando “os bebês” delicadamente na cama cobrindo-o com todo carinho. Este processo foi observado em outras crianças, de modo especial, as crianças mais velhas mantinham uma relação de extremo cuidado com as mais novas numa clara postura de maternagem.

Junto com a cama a turma ganhou dois criados mudos e um rack para a TV. Esses móveis estavam em boas condições sendo necessário apenas uma nova pintura. Novo processo foi iniciado: pintar os móveis, e novas discussões: qual cor seria utilizada? Essa discussão evidenciou a cultura de gênero presente em nossa sociedade, enquanto as meninas queriam tudo rosa, os meninos optavam em fazer tudo azul. A saída encontrada foi negociar: algumas peças de lilás outras de azul.

A direção também se envolveu no projeto e conseguiu uma TV com controle para a nossa “casa”. Tivemos o cuidado de tirar as partes perigosas da TV (vidro, pequenos componentes, fios) e a utilizamos como cenário para algumas contações de história. A partir desta proposta as crianças buscavam livros para que contássemos novas histórias ou iam contar para os amigos. Em outros momentos puxavam o sofá para frente da TV e com o controle nas mãos trocavam de canal e conversavam sobre o que estavam assistindo.

Esta era nossa sala de estar, espaço este que as crianças mudavam a posição dos móveis de acordo com a necessidade da brincadeira escolhida, e a escolha da história passou a ser individual, não havia necessidade de parar tudo para contar história, eles começaram a solicitar, “Ei conta esta aqui!” pedia, por exemplo, Yasmim (29 meses). Como a brincadeira necessita de indumentária para se incorporar diferentes personagens confeccionamos uma “arara” para guardarmos nossas fantasias, as crianças pintaram e escolheram a cor dos suportes antes de colocarmos na parede e a cada brincadeira chapéus, roupas, sapatos surgiam para avivar o momento.

A distribuição dos brinquedos pela sala proporcionou liberdade de escolha para as crianças, a estante, os cabides para pendurar as fantasias, todos foram posicionados na altura das crianças. Foi importante que todos os objetos e brinquedos estavam ao alcance delas, contribuindo para desenvolver a autonomia. No cabide ficavam os chapéus, no criado mudo colares e óculos, este era nosso canto do “pra dizer”, pois “pra dizer” é necessário saber viver!

Vivenciar as coisas prazerosas que só na infância tem-se a liberdade de fazer. Era neste espaço que tudo era possível juntos dramatizávamos histórias e vivenciávamos cenas do cotidiano. Maquiagem espalhada e borrada pelo rosto (uma delícia), chapéus com óculos engraçados, sapatos duas vezes maior que os pés que experimentavam. Tudo mesmo muito misturado, mas em perfeita harmonia com o “ser criança”!

A música se fez presente em nossos momentos de brincadeiras, o João (30 meses) logo escolhia sua fantasia e ia para frente do espelho se arrumar, fazia caretas e solicitava “Coloca música”, nesses momentos empolgava os amigos que se juntavam as mais variadas interpretações.

Nossa casa, achávamos, estava pronta, quando a Amanda (33 meses) pediu para lavar as panelinhas e sugeriu de fazermos um lugar para lavar a louça. Novo desafio para trabalhar com as crianças, como poderíamos organizar este lugar solicitado pela Amanda. Por meio do desenho, pintura, rasgadura, colagem íamos construindo, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação de todos durante a realização dos brinquedos da cozinha.

Além da pia, confeccionamos uma geladeira e um fogão utilizando papel machê e acessórios diversos para compor esses brinquedos. Na pia instalamos uma torneira plástica e para cuba nos foi doada uma tigela de alumínio, para as “bocas” do fogão utilizamos CDs, e em todas essas construções as crianças participaram efetivamente. O resultado de toda esta produção pode ser verificado na imagem que segue:



Objetos confeccionados pelas professoras e crianças constituindo a “cozinha” da casa.

Realizando a intervenção, percebi o envolvimento das crianças crescendo e criando

novas ações; as mudanças no espaço, as mediações e as intervenções realizadas davam resposta às necessidades da criança. Esta organização do espaço nos oportunizava acompanhar as crianças, suas fantasias, indagações, e suas relações, como podemos observar na imagem a seguir:



Espaço casa brincar foto da autora

Importante observar que as crianças ocupavam o espaço de diferentes maneiras, mas todos partilhavam da brincadeira como podemos observar na imagem seguinte:



Foto de Franciane keller

Neste espaço, a comunicação oral fazia-se presente entre as crianças que começavam a se apropriar desta linguagem, como instrumento para obter informações necessárias ao seu cotidiano. Ruam (35 meses) e Lucas (35 meses) usavam o diálogo para lidar com os conflitos, demonstrando apropriarem-se deste signo humano. Com este ambiente ricamente pensado

para elas, as infindáveis conversas foram mais um dos “instrumentos de brincar” que fizeram parte da “Casa de Brincar”, conforme podemos observar na imagem:



Foto de Priscila kellermam

A “Casa de Brincar” foi um espaço de invenção, curiosidade onde Kamily (32 meses), Gustavo (30 meses), Beatriz (28 meses), Ruam (35 meses), Lucas (35 meses), criaram diferentes diálogos entre eles, e a ampliação da linguagem, foi uma conquista, acontecendo ao se organizarem para brincar na disputa por um brinquedo, ao pedirem ajuda para o outro como também ao tentarem junto resolver problemas.



Negociações, combinados e organização na brincadeira, as crianças se apropriam do espaço.

Para Benjamin (1984), a criança desmonta o brinquedo para se apoderar dele, assim vê, além do aparente, estabelece uma relação íntima, afetiva e de aproximação com o mesmo.

Elas se envolviam nas brincadeiras e a cada instante estavam imitando e transformando cenas que presenciam no mundo adulto, evidenciando como a brincadeira dá testemunho da abertura e da invenção do possível, do qual ela é o espaço potencial do surgimento (BROUGÈRE, 2008).

Este trabalho tinha como grande objetivo criar um espaço de aprendizagem, de ser criança, um espaço singular para mediar as apropriações das crianças sem didatizar e/ou escolarizar. Foi intencionalmente projetado e iniciado pelos adultos; no entanto, foi sendo apropriado e re-significado pelas crianças. Nas diversas atividades desenvolvidas, no transcorrer dos dias, pudemos observar como, por meio das experiências naquele espaço, as crianças evocavam a realidade, apoderando-se da mesma numa brincadeira totalmente inventada pela própria criança e que pelo menos não é detalhadamente determinada pelo objeto que está no espaço (BROUGÈRE, 2004).

Nestes espaços podemos observar com maiores detalhes o processo de fazer de conta, nos indicando que “fazer de conta” é um processo complexo no qual a criança vivencia com toda intensidade o papel em que está interpretando. A imitação é fundamental na construção do EU infantil, experimentar papeis, ser mãe, pai ou professora, dá a criança a força necessária para compreender o mundo. As crianças traziam para as suas brincadeiras o que viam, viviam, escutavam, observavam, imaginavam e experimentavam. Todo este processo ficou ainda mais interessante quando os diversos conhecimentos a que tiveram acesso puderam ser combinados pela mediação do professor. As crianças revelaram suas visões de mundo e suas descobertas.

Ao observarmos atentamente o modo como as crianças brincavam, foi possível perceber que os usos que faziam dos brinquedos e a forma de organizá-los estão relacionados com seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares, ao mesmo tempo, denotam também as imagens partilhadas socialmente.

Ficou claro que as crianças precisam de tempo, espaço, companhia e material para brincar. Quanto mais elas viam, ouviam, experimentavam, quanto mais conseguiam aprender e assimilar, quanto mais elementos reais estavam disponíveis em suas experiências, mais consideráveis e produtivas era a atividade. Nesta perspectiva, entende-se que ampliar e favorecer as ações lúdicas são fundamentais nos centros de educação infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber através da pesquisa bibliográfica que inúmeros autores defendem a ideia de que a criança precisa interagir com as demais em situações lúdicas para que a mesma internalize conceitos importantes da sociedade em que está inserida.

A educação infantil, embora não obrigatória, é uma importante fase do desenvolvimento infantil; nessa faixa etária a criança irá desenvolver estruturas físicas, emocionais, sociais e culturais que irá levar para a vida toda. Trata-se de uma fase de descobertas, que não pode ser atropelada pelos adultos que estão ao lado.

Por isso, faz-se necessário muito tato e formação adequada para trabalhar com crianças pequenas, deve-se ter um entendimento muito amplo sobre o desenvolvimento infantil, bem como ter conhecimento de todas as fases da criança.

A educação infantil tem o privilégio de estar articulada com uma fase de intensa descoberta, percorrendo o caminho das estratégias inovadoras e desafiadoras que contemplam o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Assim, entendemos que o espaço da instituição infantil é lugar privilegiado para propiciar a investigação e a exposição de ideias, onde os sujeitos escutam, questionam comparando pontos de vistas em um pensamento filosófico de reflexão. Para tanto, é fundamental que todo este trabalho seja pautado no lúdico, de modo que a criança tenha a oportunidade de vivenciar situações únicas de aprendizagem, significando-as para sua vida.

A criação de uma casinha de brincar favoreceu a participação efetiva das crianças no processo de construção de seus conhecimentos, foi um momento de aprendizagens ricas, tanto para as crianças, quanto para as professoras. Oportunizar experiências a partir da rotina diária dos adultos oportunizou inúmeras ações das crianças, bem como, diferentes apropriações e experimentações. Muito mais do que pensar que estamos preparando as crianças para o futuro, desenvolvemos uma atividade que oportunizou as crianças se apropriarem de inúmeras regras, conhecimentos pertinentes ao mundo do adulto, mas do qual elas fazem parte.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura**. Campinas: Summus, 1984.

BORBA, Ângela Meyer, O brincar como modo de se e estar no mundo. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade**. Ministério da Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Brasília; FNDE, Estação Gráfica, 2006. p.33-35.

BRAZELTON, T. Berry; SPARROW, Joshua D. **3 a 6 anos: momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 dez. 2011.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Traduzido por Gisela Wajskop. 7 ed. São Paulo: Cotez, 2008.

_____. **Brinquedos e companhia**. Traduzido por Maria Alice Doria. São Paulo: Cotez, 2004.

CARVALHO, Alysson; GUIMARÃES, Marília. Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos. In: CARVALHO, A. *et. al* (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002b

FONTES, Martins. **A formação social da mente: L. S. Vygotski**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, sociedade e cultura. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.